

## Resenhas

## História da sexualidade IV: as confissões da carne

Mario Jorge de Paiva<sup>1</sup>

Autor: Michel Foucault  
ISBN: 978-989-641-902-8  
Editora: Relógio D'Água

O quarto volume da *História da sexualidade*<sup>2</sup>, escrito entre 1981 e 1982, mas apenas recentemente lançado, aborda o cristianismo *primitivo* (GROS, 2019, p. 11). É um volume que ainda estava sendo revisado em 1984, quando Michel Foucault (1926-1984) faleceu (GROS, 2019, p. 14).

Não nos cabe aqui realizar toda uma biografia de Foucault,<sup>3</sup> mas para termos de contextualização é válido lembrar que seu projeto de uma história da sexualidade consumiu muitos anos de seu trabalho, desde antes da publicação do primeiro volume, em 1976, até seu falecimento. Sendo que esse projeto possuiu suas intermitências, como relevantes mudanças no planejamento da obra entre o primeiro volume e os volumes que surgiram posteriormente (ERIBON, 1990).

Michel Foucault contraiu AIDS em um momento histórico em que a doença ainda era pouco conhecida e sua saúde foi se fragilizando nos anos 80, terminou por falecer relativamente jovem, ainda não possuía 60 anos. Por meses se queixou de uma gripe horrível que muito lhe cansava e prejudicava seu trabalho; tossia muito, possuía enxaquecas violentas. Houve assim um esforço em publicar as continuções do volume primeiro, de sua história da sexualidade, nesses últimos anos de vida. Indo, por exemplo, verificar notas nas fontes, independente do constante cansaço e das vertigens. No começo de 1984, Foucault já dizia para o sociólogo Pierre Bourdieu que no ano seguinte não recomençaria seu curso no *Collège de France*, o que dá margem para a interpretação de que o autor já previa seu falecimento. Vale recordar como sua hospitalização

se deu em 2 de junho de 1984 e em 25 de junho faleceu (ERIBON, 1990).

Como um livro não finalizado e sendo uma obra bastante complexa, não é simples elaborar uma resenha do texto. Porém tais dificuldades são contrapostas pela riqueza do material e pelo fato de que ele termina por dar uma coesão maior aos outros volumes de tal série. A presente resenha assim visa tratar da *História da sexualidade IV* propriamente dita, não daremos grande enfoque aos quatro anexos da edição consultada.

O livro abre com um capítulo chamado *A formação de uma experiência nova*. Nele Foucault retoma o tema da *aphrodisia* e trata como este regime foi instaurado por filósofos e guias não cristãos. Sendo uma sociedade *pagã* que deu a possibilidade de uma regra de conduta aceitável para todos, mesmo que nem todos seguissem esses comportamentos (FOUCAULT, 2019, p. 21).

Foi assim um regime que, sem modificações profundas, era encontrado na doutrina dos padres da Igreja no século II d. C (FOUCAULT, 2019, p. 21). Há, por exemplo, referências estoicas, envolvendo o domínio do desejo, rejeição de segundos casamentos, desconfiança diante do prazer etc. Logo isso releva, para a época, como os cristãos queriam escapar às acusações de imoralidade. A crença na vida eterna constitui um motivo profundo de se seguir certos preceitos, envolve intenções puras para expulsar de si até pensamentos condenáveis (FOUCAULT, 2019, p. 21).

No fim do século II a obra de Clemente de Alexandria era testemunho de uma dimensão diferente. Há um vocabulário estoico e cristão (FOUCAULT

1 Doutor, mestre, licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela PUC-Rio.

2 Cf. Foucault (2010a, 2010b, 2011).

3 Para mais detalhes da biográfica de Michel Foucault, conferir Didier Eribon (1990).

2019, p. 26). Sendo muito usado Musônio Rufo, estóico romano, mesmo que nunca diretamente citado (FOUCAULT, 2019, p. 27). Também havendo relação com Antípatro, Hiérocles, Aristóteles e mesmo Plátão, que é um dos poucos casos expressamente citados. Mas, claro, há complementos que os relacionam com Moisés, Ezequiel, o Levítico etc. (FOUCAULT, 2019, p. 27-28).

A novidade de Alexandria, dentro da literatura cristã pelo menos, envolve entrecruzar dois debates tradicionais. Aquele que trata da justa economia dos prazeres, elemento da *aphrodisia*, e o debate do casamento, já que esse se justifica pela procriação (FOUCAULT, 2019, p. 33). Os moralistas ainda que não aceitassem as relações fora do casamento, e para a procriação, analisavam separadamente a economia dos prazeres e as convivências próprias às relações matrimônias (FOUCAULT, 2019, p. 61).

É a primeira vez que se vê, segundo Foucault, todo um regime dos atos sexuais que não se estabelece tanto em função da sensatez ou da saúde individual (FOUCAULT, 2019, p. 34). Questão do *kairos*, ocasião, da relação sexual das pessoas no casamento (FOUCAULT, 2019, p. 34-35). Se tratando da *paidopolia*, a fabricação de filhos, e da *euteknia*, traduzido como: *belos filhos* ou *família numerosa* (FOUCAULT, 2019, p. 36).

Tal autor cristão toca em questões importantes do século III e IV d. C., vide as regras da vida monástica. Há a discussão sobre a pureza dos pensamentos, uma renúncia dos desejos etc. (FOUCAULT, 2019, p. 57).

O livro avança falando de outros dois elementos novos, para a época. A disciplina penitencial, a partir de meados do século II, e a ascese monástica, no fim do século III (FOUCAULT, 2019, p. 63). Elementos que definiram certas práticas de uma relação de autoanálise e certa questão entre mal e verdade. Penitência e ascetismo como uma relação de *fazer o mal e dizer a verdade*. Logo, pouco a pouco, em vez de um regime de relações sexuais se passa ao *problema da carne*, em uma regra de vida geral, algo que atravessa a vida inteira e lhe impõe regras (FOUCAULT, 2019, p. 63-64).

Não é a passagem de um código tolerante para um intolerante (FOUCAULT, 2019, p. 64). Afinal como Foucault já havia mostrado melhor nos volumes anteriores, regras sexuais já haviam se desenvolvido bem antes do cristianismo. Então é ver o surgimento de uma maneira nova na condução do corpo.

A tarefa foucaultiana também não é a de uma rígida busca por origens dessas práticas, mas observar certos desenvolvimentos seus e momentos encarados como importantes, mesmo que muitos elementos fiquem de fora. Porque certos pontos, como os preceitos gnósticos ou as implicações da demonologia nesses primeiros séculos do cristianismo, são pouco abordados. Os gnósticos parecem formar mais um plano de fundo, uma contraposição, aos autores estudados por Foucault.

Sobre o batismo, no século II, esse é visto como um ato que pode assegurar as remissões das faltas. Sendo um novo nascimento (FOUCAULT, 2019, p. 65). Um acesso para a vida além da morte e mesmo um acesso à verdade (FOUCAULT, 2019, p. 66).

A penitência que aparece, no batismo, não se apresenta por uma longa disciplina (FOUCAULT, 2019, p. 68). Mas está de fato ligada ao ato de conhecimento, uma compreensão (FOUCAULT, 2019, p. 69).

Esse acesso à verdade e remissão dos pecados exige a *metanoia*, a penitência, que é lida por Foucault como uma manifestação de si e não como um exercício muito calculado de uma disciplina. É uma renúncia e um compromisso. Não é a procura na alma pelo que ela é, porém é a manifestação de uma passagem (FOUCAULT, 2019, p. 70).

Foucault (2019, p. 77) aponta como Tertuliano pouco fala das disciplinas antes do batismo. Mas com outros auxílios, o autor trata de como se era posto a prova o postulante, em um processo que poderia durar três anos. Envolvendo elementos rituais, morais, práticos (FOUCAULT, 2019, p. 79). Há inquirições, provas de exorcismos etc. (FOUCAULT, 2019, p. 80-85). O dizer a verdade sobre si mesmo é essencial no *jogo* de salvação e purificação, ocupando um lugar crescente do século II em diante (FOUCAULT, 2019, p. 86).

Na questão da verdade, da produção da verdade, vemos como esse estudo foucaultiano se liga aos outros trabalhos do autor. Se em outros textos Foucault procurou se focar, mormente, em questões modernas, a grande virada da última *fase* de Foucault é exatamente um deslocamento, para ver como os elementos de nosso mundo moderno já estavam em formulações e processos muito anteriores.

O processo de penitência, depois do batismo, envolve parte da misericórdia de Deus, diante do homem que volta a pecar. Sendo um recurso único, solene, como Foucault (2019, p. 93) comenta. Há, mais uma vez, procedimentos de verdade envolvendo,

por exemplo, o pecador reconhecer, ele mesmo, seus pecados. A esses processos se ligam os termos de *confessio* e *exomologesis*, vistos como similares e equivalentes, em algum sentido (FOUCAULT, 2019, p. 103).

Foucault fala de cerimônias públicas, onde os penitentes, em andrajos, gemem, choram, se ajoelham diante dos sacerdotes etc. Há um valor demonstrativo de tais práticas.

Como vemos, Foucault (2019, p. 119-120) apresenta a penitência como imprecisa. É apenas mais tarde que há a confissão medieval de dizer a verdade, na forma de enumeração dos pecados. O *fazer-a-verdade* aqui não é reconstruir, totalmente, as faltas cometidas.

Foucault aborda como a direção entre gregos e romanos possui elementos diferentes. E trata mais da direção espiritual, o exame de si mesmo, em atos e pensamentos. Essas práticas não foram imediatamente utilizadas pelos cristãos. A regra de tal tipo de exame como algo do século IV, mesmo que a temática do conhecimento de si já estivesse presente nos séculos II e III (FOUCAULT, 2019, p. 128). Falando então o autor do monaquismo e como este se desenvolveu, de maneira aprofundada, nas artes do exame e da direção. Se utilizando Foucault (2019, p. 132) bastante de Cassiano.

A vida do monge não pode dispensar uma direção espiritual, em um controle contínuo. Cassiano recusa as práticas espirituais da época que dispensavam esse tipo de controle, poder. O mau monge como aquele que não é dirigido, logo os vícios nele progridem. E Foucault (2019, p. 135-136) aponta como só pode comandar aquele que aprendeu a obedecer, logo aquele que dirige os outros também deve saber *fazer-se dirigir*. O santo não se dirige, mas é dirigido por Deus.

A direção como uma prática espiritual de treino para a obediência, entendido como renúncia das vontades próprias, envolvendo também o exame permanente de si e a confissão perpétua (FOUCAULT, 2019, p. 136). Se para o estoicismo a direção envolvia condições de um exercício soberano da vontade sobre si mesmo, no cristianismo a direção almeja uma renúncia da vontade (FOUCAULT, 2019, p. 142-143). Em um entregar-se a Deus e em um combate espiritual contra o adversário do Homem.

O monge nada deve esconder do ancião, na prática permanente do exame/confissão (FOUCAULT, 2019, p. 148-149). Satanás foi condenado às trevas, a confissão

é o que lhe puxa para a luz, arrancando-o de seu reino e o fazendo perder sua potência. Havendo até relatos de expulsões *materiais* do mal, em certas passagens de Cassiano (FOUCAULT, 2019, p. 157-158).

O capítulo 2 se chama *Ser virgem*. Começa por relembrar a importância, no século IV, que os cristãos davam a virgindade. Mas a virgindade vista como algo positivo, já estava presente desde antes também (FOUCAULT, 2019, p. 165-166).

Foucault cita algumas fontes, mas aponta o *De habitu virginum* de São Cipriano, para o cristianismo latino da primeira metade do século III, como o tratado mais amplo. Mesmo que *O banquete* de Metódio de Olimpos, de aproximadamente 271, ou as análises de Tertuliano também possuam importância na análise.

Havendo de se fazer uma diferenciação, para tais autores, com as práticas de virgindades honradas entre gregos e romanos. Algo apontado por São Jerônimo, o qual cita material de Aristóteles, Plutarco e Sêneca. A *contingência* pagã não pode ter o mesmo valor santificador (FOUCAULT, 2019, p. 196). Assim em São Crisóstomo, por exemplo, a virgindade pagã não pode esperar recompensa alguma, pois não foi inspirada pelo amor de Deus (FOUCAULT, 2019, p. 197).

Metódio, por exemplo, coloca um valor positivo ao casamento. Tais autores não esqueceram do mando de crescer e multiplicar. Mas isto pode ser visto como algo para os demasiados *fracos*, como relata Foucault (2019, p. 182). Santo Ambrósio aponta que a virgindade é para alguns, o casamento para todos (FOUCAULT, 2019, p. 203). A virgindade como mais próxima da vida dos anjos.

O capítulo 3 se chama *Ser casado*. O autor começa por explicitar que nesse momento, inicial, do cristianismo não haviam tratados sobre o casamento, como haviam tratados sobre a virgindade. Não há uma arte, *teknê*, tirando algumas exceções, como em *O pedagogo* (FOUCAULT, 2019, p. 262). Voltando ao ponto da contestação gnóstica, que existia nesse período. Mas, como também já abordamos, o autor não se aprofunda no ponto de vista gnóstico.

Assim é só no final do século IV que surgem as reflexões destinadas a guiar os cristãos casados, embora haja intensidade menor em comparação com outras discussões da época (FOUCAULT, 2019, p. 268). A importância de certas questões, como relações entre esposos e até suas atividades sexuais, Foucault (2019,

p. 272) não ignora, já eram importantes desde Platão ou Aristóteles, mas de modo diferente.

Foucault (2019, p. 279) trata também do princípio da desigualdade natural, pois Deus teria dado a mulher um papel de auxiliar do homem. A mulher como a gestora da casa, enquanto o homem é a cabeça do casamento, porque *temia* Deus que a igualdade gerasse conflitos. Também fala Foucault (2019, p. 281) como o casamento é eterno.

Um segundo casamento diante da morte de uma das partes é possível, sobretudo em caso de jovens, mas parece mais valoroso esperar a morte (FOUCAULT, 2019, p. 282). Também se falando em impedir que os jovens façam sexo antes do casamento, então seria bom casar os jovens cedo (FOUCAULT, 2019, p. 285).

Essas discussões, sobre um papel inferior da mulher, terminam podendo se ligar muito bem a debates feministas atuais, envolvendo Gayle Rubin (2018), a teoria *queer* (SPARGO, 2017) etc.

Mas qual a finalidade do casamento, já que o fim não é a procriação? Ou tendo por fim a procriação, mesmo que esta não seja o fim primário? Fazendo referência a Paulo, Foucault trata do casamento como um meio de se evitar a fornicção (FOUCAULT, 2019, p. 286-287). Seguindo Crisóstomo trata do casamento como um meio de evitar a fornicção, evitar a concupiscência e adotar uma postura de castidade, elementos que agradam a Deus (FOUCAULT, 2019, p. 287). E assim surge uma *tekhne* da vida conjugal, mesmo que também apareça como inferior a vida monástica (FOUCAULT, 2019, p. 301).

Agostinho aparece não como o fundador de uma nova linha de pensamento, mas como alguém que ao pensar a vida virginal e a vida do casal, faz surgir um elemento que se refere a ambos os modelos, o sujeito do desejo (FOUCAULT, 2019, p. 308). Pois ambas as figuras surgem unidas na comunidade, coexistindo na unidade da igreja. Se uma criatura tomada à parte pode ser vista como melhor, o conjunto das criaturas é melhor que a parte em particular. Assim os elementos se suplementam (FOUCAULT, 2019, p. 309).

Se a maior parte dos exegetas, desde Orígenes, trata da impossibilidade de relações sexuais no Paraíso (FOUCAULT, 2019, p. 315). Agostinho não exclui uma interpretação carnal, pois o que está excluído é a concupiscência. Há a possibilidade do sexo sem concupiscência antes da queda, em uma proliferação que não compensaria a morte (FOUCAULT, 2019,

p. 318). Havendo até a possibilidade de se supor que se pudesse haver procriação sem relação sexual (FOUCAULT, 2019, p. 319).

Mas a natureza de auxílio que Deus deu a mulher seria mesmo para a geração de filhos (FOUCAULT, 2019, p. 321). Chega Agostinho a noção de que esses primeiros homens fundariam uma *societas*, uma multiplicidade de indivíduos ligados por um parentesco de origem (FOUCAULT, 2019, p. 324). A relação sexual no Paraíso como algo então sem a libido, vista como uma força coercitiva (FOUCAULT, 2019, p. 351). Foi o ato da queda que gerou assim a libidinização do desejo (FOUCAULT, 2019, p. 360).

As consequências da teoria agostiniana são amplas, contudo Foucault se mantém na questão da conduta dos esposos e do governo das almas. Falando sobre o sujeito do desejo (FOUCAULT, 2019, p. 373). Porque enquanto em Cassiano, por exemplo, há desejo e vontade como duas instâncias diferentes, em Agostinho a concupiscência pertence à própria forma da vontade (FOUCAULT, 2019, p. 375). Os esposos servem-se não somente do direito ao corpo do outro, mas da sua própria concupiscência (FOUCAULT, 2019, p. 377).

Há o elemento de que toda a regulação da conduta sexual se faz a partir da relação de cada um consigo mesmo. A problematização da conduta sexual torna-se o problema do próprio sujeito, sujeito do desejo, em uma verdade, a qual não pode ser descoberta por si mesma, no fundo de si mesmo (FOUCAULT, 2019, p. 382).

Como Foucault mostra, o que se trata por demonstrar é: há uma nova relação entre subjetividade e verdade, que dá a um núcleo, bem mais antigo, modificações importantes. Que incidem menos sobre o que é ou não permitido, porém mais sobre as experiências enquanto condição de conhecimento (FOUCAULT, 2019, p. 385).

A confissão, voltemos ao ponto, envolve o dever de dizer a verdade, sendo esse papel mais complexo do que em outras religiões, mesmo dentre as quais requerem a confissão. Em comparação com os gregos e romanos, o cristianismo impôs esse dizer a verdade sobre si mesmo, que se torna infinitamente mais imperioso em sua forma e conteúdo (FOUCAULT, 2019, p. 426). Um diferencial é que o cristianismo foi a primeira religião a se configurar em uma igreja, logo desenvolvendo uma capacidade de penetração muito maior. Enfim, no início do século V, o cristianismo tinha um pressuposto

de universalidade, que se ancorava em um suporte institucional (FOUCAULT, 2019, p. 270-271).

Como estamos a ver, a análise aprofundada de Foucault, nesse volume quatro, termina em Agostinho. Assim sendo não podemos crer que haja uma história da sexualidade *terminada* entre a Grécia Antiga e o mundo moderno. Mesmo que ao entrar no cristianismo, de modo mais detalhado, Foucault tenha diminuído uma *lacuna* existente em tal obra.

Em termos de escrita: alguns elementos parecem se repetir, assim como outros pontos importantes poderiam ser mais explorados. Cabe-nos assim ressaltar, uma última vez, que é um livro incompleto.

### Referências bibliográficas

ERIBON, Didier. *Michel Foucault, 1926-1984*. São Paulo: Companhia das LETRAS, 1990.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade vol. 1: A vontade de saber*. São Paulo: Edições Graal, 2010a.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade vol. 2: O uso dos prazeres*. São Paulo: Edições Graal, 2010b.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade vol. 3: O cuidado de si*. São Paulo: Edições Graal, 2011.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade IV: As confissões da carne*. Lisboa: Relógio D'Água, 2019.

GROS, Frédéric. Advertências. In: FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade IV: As confissões da carne*. Lisboa: Relógio D'Água, 2019.

RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer*. São Paulo: Autêntica editora, 2017.